



Biograph



QUEM CONTA UM CONTO “GANHA” UM PONTO – NARRATIVAS DE APRECIADORES DE HISTÓRIAS

Kelly Adriane Streglio, UFG, kellyadriane@hotmail.com;
Isa Mara Colombo Scarlati Domingues, UFG, isa.scarlati@gmail.com

INTRODUÇÃO

Escrever sempre foi uma alternativa prazerosa em minha vida. Tudo começou com a leitura, com o desenvolvimento do gosto pela mesma, do qual me propus a narrar no momento da graduação a final, queria escrever sobre algo que me dava satisfação. Então, unindo histórias de minha vida com a experiência proporcionada no momento do estágio supervisionado, surgiram as narrativas como elemento essencial.

O mais interessante de tudo, é que antes de descobrir o que eram as narrativas, de acordo com teóricos, eu já as escrevia como forma de arquivo pessoal. Juntando então esse novo elemento que me deu tanta satisfação em (re)descobrir e mais a experiência com leitura e contação de histórias no estágio supervisionado, posteriormente em minha própria sala de aula, foi que nasceu este trabalho, que apresenta narrativas de crianças como elemento metodológico.

Foram analisadas quatro narrativas de crianças do 5º ano de uma escola privada no município de Jataí, Goiás. A partir delas, poderíamos perceber quais os sentimentos, emoções, metodologias usadas por pais e professores, pois as narrativas das crianças trouxeram lembranças tanto da escola, quanto do que fora vivido em suas casas.

Tem-se como objetivo apresentar as interpretações sobre a importância dada pelos professores à contação de histórias ou à leitura de obras infantis; as metodologias que foram utilizadas por esses professores, assim como a preferência dos sujeitos em relação às obras literárias. Pretende-se ainda analisar por meio de narrativas infantis, se as histórias ouvidas

até aquele momento de suas vidas contribuíram para a iniciação ao gosto pela leitura e dessa forma para a formação de futuros leitores.

As narrativas proporcionam um bem estar para quem a escreve. É um momento único onde o autor da narrativa pode tirar proveito de todas as situações vividas, tenham sido elas boas ou não naquele momento. Mas o fato de lembrar e escrever sobre determinado assunto, permite uma ordenação de ideias e junto com isso, uma reflexão. Por este motivo, trago uma narrativa introdutória apresentando a minha iniciação pelo gosto da leitura.

Não tenho lembranças de minha mãe lendo algum livro ou contando alguma história. Me recordo bem de minha avó contando uma versão bem particular daquela “Festa no céu”, mas no meio dessa história tinha um macaco, uma lata de banha de porco e um punhado de areia que esse macaco sempre jogava na banha.

As primeiras memórias marcantes com a literatura infantil trago com a idade de mais ou menos cinco anos. Eu ganhei uma coleção de livros, com capas vermelhas, folhas duras, que quando olhava a capa e mexia um pouco para direita ou para a esquerda, as cenas mudavam. Acho que era uma espécie de visão em 3D da época. Eu ganhei essa coleção, mas não era alfabetizada, não sabia ler. Então, providenciei alguém que contasse aquelas histórias para mim, mas infelizmente não consigo me lembrar quem foi a pessoa que fez isso. Só que admito que a pessoa que leu a história teve uma paciência enorme, pois eu me recordo que toda visita que chegava em casa, eu fazia questão de mostrar algum livro da minha coleção, apresentava o “efeito 3D” e depois me colocava a “contar” a história, fazendo de conta que eu sabia ler. Passava página a página, mostrava as figuras e contava a história para o pobre ouvinte da vez. Digo pobre, pois talvez aquele adulto estivesse ocupado naquele momento, mas todos ouviam a história que eu tinha para contar. Uma observação: eu sou a caçula de três filhos, ou seja, meus irmãos mais velhos não tinham a menor paciência para ouvir minhas histórias, mas alguns adultos tiveram. Com tristeza, afirmo que não me recordo quais foram eles.

Quando fui alfabetizada, já tinha lido, relido e praticamente destruído toda a minha coleção. Minha mãe afirmava que não tinha tempo para ler histórias e eis que alguém teve uma ideia: “Vamos comprar discos!”. Na época existiam discos de vinil e meus pais

compraram alguns da Coleção Disquinho. Minha mãe colocava o toca discos para funcionar e eu ficava sentada ali, maravilhada com as histórias, com os efeitos sonoros e hoje posso afirmar que, das histórias dos discos de vinil, a minha preferida era e ainda é “O Rouxinol do Imperador”. Sorrio sozinha só de lembrar de sua beleza e das sensações boas de tranquilidade e alegria que me trazia.

Passaram-se alguns anos sem o interesse por leituras ou histórias. Penso que eu estava mais envolvida com o aflorar dos hormônios do crescimento (que tardaram a chegar em comparação com minhas colegas de sala) do que com as leituras que a escola me exigia e eu sempre protelava.

Acontece que em um determinado dia, eu devia ter por volta de onze anos de idade, minha mãe chegou em casa e disse em tom ríspido: “Fui lá na livraria e deixei autorizado para você escolher dois livros. E é para você ler tudo, viu?” Acenei que sim, fui lá na livraria, escolhi os dois livros para a minha idade com a mesma disposição de quem se levanta de madrugada em dia de feriado prolongado – nenhuma. A grande questão é que um daqueles livros foi o processo que faltava na minha vida. Hoje posso afirmar que aquele livro que escolhi, de Pedro Bandeira, chamado “O mistério da fábrica de livros” foi o meu despertar para a leitura, foi o “sol que me faltava”, a “água para os sedentos”. Poderia citar inúmeras metáforas, mas nenhuma descreveria com exatidão a sensação de ter a noção tão clara do início ao meu gosto pela leitura.

Foi ali, naquele momento, com aquele livro que tudo começou. Depois deles, vieram muitos outros. Depois desse livro eu descobri o caminho da biblioteca, descobri como procurar os livros que me atraíam, descobri o quanto a leitura me fazia bem.

Para o momento, esta é parte da minha narrativa de descoberta ao gosto pela leitura. Por felicidade, hoje sou leitora. Além de descobrir o gosto pela leitura, eu pude também permanecer nele. Considero-me uma leitora. Quanto às narrativas dos quatro sujeitos, talvez não possamos afirmar que se tornarão leitores quando mais velhos, mas vamos perceber alguns encantos nessa trajetória infantil, a meu ver, muito satisfatória. Vamos em frente...

“PROFESSORA, LÊ UMA HISTÓRIA?” – O CONTEXTO HISTÓRICO DAS HISTÓRIAS

Depois de ler e reler sobre onde o mundo fantasioso das histórias infantis começaram, com base em vários teóricos, sinto-me preparada para fazer uma pequena explanação, apesar de que o que realmente nos interessa são as narrativas infantis, mas não poderíamos iniciar as análises sem antes saber as origens das histórias.

Nem sempre as histórias foram contadas a partir de livros, elas eram contadas pelos homens das cavernas, em suas pinturas, que pintavam para registrar seus feitos, e também para se comunicar com seu grupo. Um dos livros mais antigos que se tem referência de histórias é a Bíblia, como nos mostra Bittencourt (2009) que fala com seus leitores através de histórias e também mostra como viviam e se comportavam as sociedades tribais, primitivas e seus papéis da época.

No Brasil, a literatura infantil, já vista de forma escrita, nasceu no final do século XIX, após período em que os poucos livros infantis eram portugueses e de baixa veiculação. Com a abolição da escravatura, o país precisava de certa forma se mostrar desenvolvido frente aos acontecimentos, e a literatura infantil surgiu com este intuito.

Segundo Abramovich (1997, p. 17), a gama de sensações sentidas por um ser humano está intimamente ligada ao ouvir histórias, e possibilitar isso a uma criança tem um diferencial significativo, complementa ainda dizendo que “é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria”.

Dos vários tipos de histórias infantis, não podemos esquecer de citar os contos de fadas e os clássicos. Estes últimos são histórias muitas vezes milenares, que ultrapassaram séculos para se perpetuar entre as histórias atuais.

Os contos de fadas são velhos conhecidos, mas podem causar alguma confusão no momento de identificá-los. Para tanto, Abramovich (1997) apresenta algumas características que facilitarão o processo. Os contos de fadas contêm um mundo de fantasias, que sempre parte de uma situação real, possível de ser vivida, de forma atemporal

(Era uma vez...), em que as personagens são simples e aparecem em situações diferentes “...onde têm de buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e a achar junto uma resposta sua para o conflito...” (ABRAMOVICH, 1997, p. 120).

Assim, os contos de fadas oferecem “calmaria” aos elementos emocionais vividos pelas crianças, pois elas se identificam com os mesmos, e tomam para si aquilo que estão precisando no momento, como nos mostra Bettelheim (1980, p. 50) “o conto de fadas oferece materiais de fantasia que sugerem á criança sob forma simbólica o significado de toda batalha para conseguir uma auto realização, e garante um final feliz”.

Os contos de fadas são considerados clássicos da literatura, mas nem todo clássico pode ser considerado conto de fadas.

Contar histórias não se trata simplesmente de pegar um livro e fazer a decodificação do mesmo, apresentando as ilustrações. Demanda uma preparação, uma percepção e uma reflexão por parte do professor em contar a história, e também em perceber o impacto da mesma para as crianças.

“VAMOS ESCOLHER UM LIVRO?” – METODOLOGIA DE PESQUISA

As narrativas infantis que foram apresentadas neste trabalho, ofereceram aos indivíduos a oportunidade de refletir, (re)memorar os momentos vividos em outros períodos de suas vidas. De acordo com Nóvoa e Finger (2010), a perspectiva de utilização de narrativas como instrumento metodológico surgiu na Alemanha, no final do século XIX “sendo aplicada de forma sistemática pelos sociólogos americanos dos anos 1920 e dos anos 1930 (Escola de Chicago)” (NÓVOA E FINGER, 2010, p. 18).

Este método permite que o indivíduo (re)pense suas lembranças refletindo sobre elas; permite ao indivíduo conhecer-se melhor a partir de suas próprias vivências. Muitas podem ser as nomenclaturas dadas a este método: histórias de vida, método biográfico, biografias educativas, narrativas.

A utilização das narrativas permite ir além na compreensão de processos de formação, ressaltando que a formação, não é específica para determinada área ou profissão. O termo ‘formação’ abrange também o indivíduo, a pessoa que ele se torna, o leitor, aluno, pai, professor, qualquer indivíduo que possa se formar.

De acordo com Nóvoa e Finger (2010, p.12), “existe uma impossibilidade de separar a investigação e a formação”, pois na investigação, há uma análise da fala, da escrita do sujeito. Enquanto que na formação, esta mexe com o íntimo do sujeito. Visto que é próprio quem constrói suas narrativas, há a escrita (ou fala) juntamente com as emoções que lhe ocorrem naquele momento de (re)lembrar o vivido.

Este trabalho faz uso de narrativas infantis primárias, colhidas diretamente para esta finalidade. Logo, as narrativas estão cheias de subjetividades, emoções e histórias não lineares, cada qual com suas lembranças, suas particularidades.

Feitas as explanações sobre o elemento metodológico ‘Narrativas’, voltamos aos esclarecimentos sobre a coleta das informações.

Sendo professora de uma turma de 5º ano, e sendo um conteúdo curricular, trabalhamos em sala as narrativas, utilizei-me deste ponto para solicitar que fizessem um texto sobre suas vidas, em específico sobre a contação de histórias ao longo da vida escolar.

Por ser uma turma de 5º ano, com idade média de 10 anos e estar se apropriando dos conhecimentos da escrita, como paragrafação, temas, início, meio e fim, coloquei alguns tópicos na lousa para que pudessem fazer suas produções, orientando-os que não havia necessidade de copiar todos, mas sim apenas de pensar sobre eles e assim escrever a respeito em forma de texto.

Eram 20 crianças em uma sala, prontas para começar!

Assim que entreguei as folhas, pedi que colocassem o nome na primeira linha e comecei a passar os tópicos na lousa, e começaram a escrever. Tentei criar um clima bem gostoso na sala para que aquele momento de (re)memoração fosse muito aprazível.

Alguns diziam que não se lembravam de nenhuma história, que não tinham lembrança de nada, e logo outro levantava a mesma questão, mas acredito que apenas

queriam causar alguma polêmica. Duas meninas conversavam e trocavam ideias, concordando ou discordando a cada tópico que era colocado na lousa. Entendi que estavam juntas ao longo dos anos na vida escolar, que foram colegas durante toda a vida e estavam juntando as lembranças para fazerem um bom texto.

Preferi não colocar todos os tópicos de uma só vez na lousa, para que refletissem e escrevessem com calma, então, na espera de que iniciassem seu trabalho, sentei-me e fiz uma das coisas que gosto muito: observei as crianças escrevendo.

Quando digo ‘escrevendo’, não me refiro ao fato de ficar ali do lado da criança, tirando sua privacidade e acelerando o resultado. Digo que é observar de longe, ver suas reações, sua feições, o quanto estavam preocupadas com sua produção ou estavam mesmo preocupadas com o que eu estava achando, pois em alguns momentos, de algumas crianças vinha um olhar fortuito e quase aflito de como quem quer dizer “Calma lá professora, estou fazendo”. Mas em contrapartida, algumas crianças conseguiram criar um mundo particular, onde os mergulhos de sua memória eram permitidos somente para ela mesma, o que seria o mais sensato, já que as lembranças e memórias eram intransferíveis até aquele momento.

Aqueles que falavam em voz alta alguma lembrança, eu pedia que escrevessem e colocassem no papel as suas memórias, pois acreditei que a opinião de um poderia influenciar a escrita dos outros.

Uma menina, quase no fim de sua escrita, chegou um pouco aflita dizendo que tinha feito o texto até aquele momento de uma só série. Eu disse que não tinha problema, que ela poderia colocar outras lembranças de outras séries nos próximos parágrafos apesar de que a minha real vontade era que o texto abrangesse toda a vida escolar, mas também não poderia desanimá-la àquela altura de sua produção.

Outra criança, desta vez um menino, afirmava categoricamente que não recordava de nenhuma história e de nenhum personagem, o que me deixou impressionada, pois na aula, ela se mostrava muito atenta e tinha boa memória. De qualquer maneira, não fiz menção a nenhuma história para que ele não fosse influenciado.

O último tópico perguntava como era a vida deles hoje, em relação a contação e leitura de histórias. Não sei se estavam cansados e já queriam terminar ou se realmente não

tinham nada para contar, não ouvi nenhum comentário a respeito, nenhuma reclamação, nem observação.

As lembranças sobre as histórias que ouviram no decorrer de suas vidas até aquele momento estão agora registradas.

Eram vinte crianças na sala, das quais escolheríamos as narrativas para transcrever os relatos e fazer as análises. Essas crianças que eram antigos ouvintes, hoje também são leitores, que fazem suas próprias escolhas e já têm os critérios definidos do que gostam ou não de ler, abrindo o leque, que antes era só de histórias infantis, e hoje abrange a literatura em geral.

Das vinte narrativas iniciais, fizemos a seleção de quatro, das quais, duas das selecionadas vieram de outras escolas. Para manter ao máximo o critério de neutralidade da pesquisa, mesmo conscientes de possíveis metamorfoses, utilizamos os seguintes critérios: a) Narrativas de crianças que mais contivessem informações sobre as memórias de histórias ouvidas; b) Narrativas de crianças que relatassem ter estudado em outras escolas nos anos anteriores, pois aumentaria as possibilidades de diferenças entre momentos e projetos vividos no ambiente escolar.

Nas narrativas das crianças, das quais pudemos perceber vários aspectos, elencamos alguns pontos que traremos para a discussão. Esses pontos serão denominados de eixos de análises. Dentre esses eixos, que foram quatro, estão: **Periodicidade**, onde as crianças descrevem a frequência com que eles se lembram que as histórias eram contadas; **Metodologia**, em que as crianças demonstram as percepções de como os professores trabalhavam a contação e leitura de histórias; **Obras/livros**, nos apresentam quais obras, histórias, personagens as crianças têm como sua preferência; **Ambiente familiar**, apresentam a forma que as histórias eram contadas em casa, se eram contadas ou se ainda são.

Portanto, das quatro narrativas escolhidas e com a finalidade de manter a privacidade dos sujeitos, a partir do presente momento as referências serão feitas com a letra 'C' de criança, com o respectivo número: C-1, C-2, C-3 e C-4.

AS HISTÓRIAS POR TRÁS DAS HISTÓRIAS

Na tentativa de facilitar a junção de informações, selecionei trechos das narrativas que melhor caracterizariam as respostas às nossas dúvidas de acordo com os critérios mencionados no capítulo anterior e farei as devidas considerações acerca de cada aspecto.

PERIODICIDADE – “QUANTAS VEZES LEIO OU OUÇO HISTÓRIAS”

Escrever sobre as narrativas infantis tem sido um desafio encantador, pois buscar as memórias dos sujeitos da pesquisa é auxiliá-los a refletir sobre suas lembranças. Abaixo estão trechos retirados das narrativas dos sujeitos referentes à periodicidade das histórias que eram ouvidas.

Aos poucos vamos descobrindo particularidades das memórias dos sujeitos: “[...] *A professora sempre lia no começo da aula, todos os dias ela lia. [...] Ela contava histórias, cada dia ela contava uma diferente.*” (C-1); e “*Eu sempre acordava bem cedo e muito ansiosa porque ainda estava no terceiro ano e era o dia da história, eu adorava, eu ficava muito feliz. Eu chegava na escola sorrindo para ouvir a história da professora [...]*”(C-2).

Conforme os trechos acima, o sujeito C-1 afirma que o momento da contação de histórias era no início da aula; já o sujeito C-2 demonstra que em dias específicos haveria contação, como se fossem marcados, agendados os dias para a história. Sobre tais informações podemos apreciar a fala de Abramovich (1997), que nos diz que “contar histórias é uma arte”. A autora também nos leva a refletir que o fato de contar histórias não está simplesmente no fato de pegar um livro aleatoriamente a fazer a leitura dele, simplesmente o lendo, como se estivesse fazendo para si próprio.

Na verdade, para amantes da leitura, é difícil realiza-la por mais silenciosa que seja, sem imaginar a voz dos personagens ou mesmo a entonação das expressões que cada parte da história traz.

A arte de contar histórias demanda tempo, dedicação. Deve-se escolher a história, deixando claro que a escolha vai depender do contador que, no caso, estamos nos referindo ao professor. O que poderá determinar a escolha, será o momento que o professor está vivendo com seus alunos, as preferências de escolha para determinadas histórias ou mesmo os próprios alunos, seus anseios, angústias ou alegrias.

Mas o que definitivamente não pode faltar é a leitura antecipada do livro por parte do professor/contador. Quem conta a história, não pode ser surpreendido com expressões ou termos desconhecidos ou já deve se preparar para substituir alguma palavra não tão conhecida pelas crianças, ou ainda, mostrar descontentamento com o desfecho da história, deixando claro que ficou mais surpreso que as próprias crianças. Todos esses aspectos, observamos em Abramovich (1997, p. 20) “Por isso, ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona, nos irrita”.

Infelizmente, não pudemos perceber a preparação dos professores para contar as histórias. Percebemos apenas que eram frequentes, pelo menos para esses dois primeiros sujeitos (C-1 e C-2). E mais ainda do que frequentes: eram esperadas.

O sujeito C-3 apresenta uma informação que os outros não trouxeram, que é a biblioteca, mas não identificamos se esse espaço era livre para pegarem ou folhearem os livros, se podiam andar ou passear por ela, desfrutar de todas as possíveis oportunidades que um ambiente como este pode proporcionar como olhar a organização de livros, pegá-los, folheá-los, ver as capas e gravuras dos mesmos.

Eu me lembro que às vezes, quando tinha tempo, em umas séries (não lembro especificamente uma série) mas o professor levava a minha sala para a biblioteca. Lá tinha prateleiras gigantes com letras do alfabeto, também tinha muitas almofadas no chão. Gostava muito [...] (C-3).

Conforme analisamos, de acordo com C-3 a biblioteca era um espaço não somente para guardar e escolher livros, mas sim um local para se ouvir histórias, para poder desfrutar daquele momento, mas também não nos deixa perceber se escolhia ou manipulava algum livro.

O sujeito C-4 também apresenta seu encantamento por ouvir histórias, conta que havia momentos em que eram contadas fora da sala de aula e que era uma coisa frequente. Esse sujeito escreve em sua narrativa que a contação de histórias na vida escolar tem deixado de acontecer, como se gradativamente, com o passar das séries, o número de histórias contadas pelos professores fosse inversamente proporcional à série alcançada.

Eu lembro que no segundo ano eu ia lá de fora com os meus colegas e minha professora e ela contava história pra gente, gostava muito e ficava muito concentrada nas histórias que a professora contava. No terceiro ano, no final das aulas a professora entregava pra gente vários livros. Agora, no quarto e no quinto ano a professora não costumava contar histórias. [...] Só de vez em quando a professora contava as histórias, mas não era sempre e não tinha horários específicos. (C-4).

Com o passar dos anos, e conseqüente apropriação da leitura, percebe-se pela fala do sujeito que os professores já não têm tanto empenho em contar histórias, o que também não demonstra relação com a ludicidade.

Fazer essas análises tem nos permitido participar da vida dos sujeitos, desfrutar de suas memórias e lembranças, perceber que eram boas e que deixaram saudades. Momentos bons que, pelas descrições, estão deixando de acontecer, mas que marcaram suas vidas.

METODOLOGIA – “COMO AS HISTÓRIAS SÃO LIDAS OU CONTADAS”

No primeiro momento já pudemos observar que a preferência unânime dos sujeitos era o conjunto da contação de histórias com o visual, fosse ele em figuras ou em fantoches.

Os sujeitos C-1, C-2 e C-4 comentaram sua preferência por fantoches, o gosto por eles; já o sujeito C-3 conta que a professora não fazia uso de fantoches e pelo percebido, isso não apresenta atrapalhar o momento, inclusive, o que esse sujeito gostaria é que tivesse mais tempo para a contação de histórias: “[...] *O momento que gostei bastante foi quando a professora contou a história com fantoches, e não teve nenhum momento que não gostei.*” (C-4). Abaixo seguem outros trechos das narrativas:

As professoras contavam as histórias rindo e brincando com a gente. Elas usavam vários fantoches. O que mais me chamava a atenção era quando ela mexia com os fantoches. [...] Ela contava em uma roda de conversas, as conversas eram sobre o livro, o que nós achamos do livro (C-1).

[...] Eles (os professores) contavam a história com muita emoção e um pouco de suspense, eu adorava. A professora, em vez de usar palavras para contar, ela usava fantoches. [...] e depois da história, a gente tinha que escrever um texto contando o que a gente tinha entendido [...] e depois tínhamos que ir na frente de todos na sala, e às vezes a professora falava que estava errado e brigava conosco [...] (C-2).

[...] A professora sentava em uma roda e ia lendo, ela não usava objetos para representar a história, ela só mostrava os desenhos. Isso que mais me chamava a atenção. Se eu pudesse mudar algo, deixaria mais tempo reservado para as histórias para exercitar mais a mente das crianças, assim as crianças aprenderiam melhor (C-3).

Mediante as diferentes metodologias narradas pelos sujeitos, iniciarei esta análise com a disposição dos alunos na hora de ouvir histórias. Não há nenhuma convenção ou regra que afirme que, ao contar histórias, as crianças devam estar sentadas em fila, ou no chão ou em círculo... Não há regras para tal. Cabe ao professor usar da forma que considere mais conveniente. É fato que dispô-los em círculo causa uma certa proximidade entre os

colegas, contador da história e também leva a criança ao conforto de se sentar mais à vontade, mais tranquilo.

Através de sua narrativa, o sujeito C-1 nos mostra que notava que a professora contava as histórias com empolgação, rindo e brincando. Indica que ela lia o livro e olhava para as crianças.

O sujeito C-2 já fala sobre suspense ao ouvir uma história, e a primeira coisa que imaginamos são as “caras e bocas” que a professora pode fazer ao contar a história, ou mesmo se esconder atrás do livro, agachar, brincar, enfim, fazer com que a história se torne o mais real possível. É gostoso, bom saber que a criança tem essa percepção. Abramovich (1997, p. 21), nos mostra que é bom falar baixinho nos momentos de suspense, e sem que os ouvintes percebam, levantar o tom da voz de uma vez, para causar espanto.

Sobre encantamento no momento de ouvir as histórias, o sujeito C-3 conta que a professora mostrava as ilustrações do livro, e era justamente o que mais chamava a atenção.

É de se observar atentamente que as histórias contadas servem para que a criança ative sua imaginação, para que ela imagine como é o cenário, como são os personagens, como é a vida dentro de um livro. Mas se isso é “função” da criança, não haveria motivo para que as imagens fossem apresentadas. As imagens, ilustrações servem para dar asas à imaginação das crianças.

O sujeito C-2 também aborda uma questão muito interessante para este momento de análise. Ele nos conta que depois de ler o livro, tinha que ir na frente da sala, diante de todos os colegas e ler um resumo sobre a história. Este sujeito nos mostra um momento não tão bom na contação de histórias vivida por ele, que é a situação de “ter” que escrever um texto e depois apresentá-lo para os colegas. Até o presente momento, em suas memórias, o sujeito tinha apresentado satisfação com as histórias ouvidas, mas a obrigatoriedade em apresentar o texto para a sala e ainda, a repreensão da professora, nos confirma que o momento não era mais tão agradável.

A contação e leitura de histórias devem ser propostas como algo agradável, gostoso, momento único. Permitir que a criança tenha sentimentos bons, que imaginem o

cenário e os personagens. As rodas de conversa pós-história também são vistas como momentos prazerosos.

Abramovich (1997) relata seu posicionamento quanto às questões de obrigatoriedade. Ela aborda especificamente casos em que resumos devem ser entregues, partindo do pressuposto que são alunos maiores que não participam apenas ouvindo histórias, mas também fazendo suas leituras. A autora afirma que muitas vezes, no âmbito escolar, a criança fica fadada à escolher títulos que muitas vezes não os agrada, a responder questões pré estabelecidas e de forma igualitária para toda uma sala. Não há a oportunidade de a criança escolher se o livro é bom ou ruim, se a leitura foi boa ou não. A professora exige a leitura e ela será feita em um prazo pré-estabelecido. Pronto. Mecânico. Estático.

Há tantas coisas e particularidades que podem ser abordadas com uma história ouvida ou contada. Há tantos aspectos a serem levantados, e este é um dos pontos para se formar um leitor crítico, observador, que concorda ou discorda do que lê, capaz de se atentar a pequenos detalhes que outros livros, outras histórias lhe trarão.

Conclui-se, pelos dados dos sujeitos, que o momento da contação de histórias é sempre bom. Na análise das questões metodológicas, não existem relatos de que este momento em específico tenha sido traumático e não aproveitável no sentido de ser apreciado. Para os sujeitos, histórias são sempre boas, sejam elas contadas, sejam ouvidas ou simplesmente lidas. As viagens que podemos fazer sem sair de casa, as descobertas que acontecem a cada página, a cada novo personagem que aparece na história contada sem o livro em mãos, é sempre boa. Pode ser aquela que a avó ou alguma pessoa mais velha contou quando éramos pequenos, quando estávamos passando o final de semana na casa de algum parente, enfim, todas são mágicas, todas foram prazerosas, todas trouxeram bem estar e fazem parte das recordações de cada um.

OBRAS/LIVROS – “QUAIS OS MEUS LIVROS, AUTORES OU HISTÓRIAS PREDILETOS”

Chegamos ao momento de analisar as obras, os livros que os sujeitos citaram como seus preferidos durante a sua vida escolar.

Um fato que talvez seja de relevância é o de que, das quatro narrativas selecionadas, todas eram de meninas. Talvez este fato macule algumas informações visto que meninas apreciam mais “histórias de princesas”, ao contrário dos meninos, que gostam mais de super heróis e dragões.

Bettelheim (1980), afirma que é essencial que a criança viva e reviva os conflitos proporcionados pelos contos de fadas. Afirma também que o adulto não deve explicar detalhadamente a história contada para que a criança absorva o contexto do conto e consiga resolver o conflito interno criado por ela mesma, conflito este, no âmbito da angústia de ver a situação resolvida, ou que todos os personagens se salvem, ou que o bem prevaleça.

De acordo com os trechos selecionados podemos notar “[...] *lembro que as histórias mais legais eram: Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Branca de Neve e Rapunzel. A personagem preferida minha é a Cinderela, e a minha história favorita é da Branca de Neve que acho super romântica.*”(C-4) que este sujeito relata sobre histórias muito conhecidas, clássicos da literatura infantil, como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Branca de Neve. Já C-1 relata sua preferência na história da Princesa e o Sapo, conforme a transcrição “[...] *as histórias mais legais era “A princesa e o Sapo” (aspas da criança), os personagens que eu mais gostava eram a princesa e o príncipe.*” (C-1).

Observando as narrativas, somente C-4 mencionou contos de fadas (Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Branca de Neve e Rapunzel), C-1 exemplificou o título (A princesa e o sapo). Somente C-3 não colocou especificamente alguma obra ou personagem: “[...] *Nesse momento eu só pensava em saber o que acontecia no final da história, saber se o bichinho se salvava, se a mocinha derrotava o malvado [...]*” (C-3).

O objetivo de saber as obras/livros escolhidas pelos sujeitos deste trabalho, serviu para perceber que são sujeitos que participam ativamente e possuem capacidade de fazer escolhas e apreciar ou não as obras literárias, que têm suas opiniões, escolhas e que elas naturalmente se divergem.

Os critérios de escolha de todos os sujeitos são muito variáveis. Na análise deste eixo percebemos que a contação de histórias e as leituras feitas pelas crianças têm proporcionado a possibilidade de escolhas. Demonstra assim que a literatura proporciona às crianças que tenham oportunidade de escolhas, liberdade para apreciar criticamente as obras literárias.

AMBIENTE FAMILIAR – “NA MINHA CASA LEIO OU OUÇO HISTÓRIAS?”

As histórias que as crianças ouvem desde a mais tenra idade são essenciais para o desenvolvimento das mesmas como futuros leitores, sem contar que o ouvir histórias também pode acrescentar domínio na fala. De acordo com (CAGLIARI, 2008, p. 168) “uma criança pode começar ouvindo histórias, aprendendo a decifrar o som das letras em diversos contextos, e se pôr a ler pequenos textos de cujo conteúdo já tem conhecimento”.

Nas falas dos sujeitos, C-1 e C-2 apresentam indícios de ouvir histórias em casa, pois C-1 relata: “... *na minha casa, às vezes eu escuto algumas histórias.*”. O sujeito não narra que ouvia, mas sim, que às vezes ouve. Não conseguimos precisar o quanto ouve, nem se estas histórias são contadas ou lidas, mas observamos que ele indica que ainda ouve.

C-2 escreve que pede para algum adulto ler, mas mesmo assim, não é sempre que esse adulto o faz, e sim “... *é nos finais de semana...*”. É interessante observar ainda na escrita do sujeito C-2 quando diz “... *mas não é sempre que ela lê histórias...*”, pois faz uma referência a uma pessoa do sexo feminino. Pode ser a mãe, pode ser a avó, mas é alguém bem próximo que convive no ambiente familiar.

Tratando dessa proximidade em família, Bettelheim (1980), apresenta toda uma estrutura familiar relacionado à contação e leitura de histórias, especificamente aos contos de fadas. O autor também nos mostra a importância dos contos de fadas na vida das crianças, o fato de ouvirem, se angustiarem com a situação da história e poderem ver,

perceber o seu conflito resolvido quando a história chega ao fim, com o geralmente “felizes para sempre”.

O sujeito C-2, de alguma maneira, demonstra a segurança que sente em relação a ouvir a história contada por um adulto. É provável que essa segurança ao ouvir um adulto contando-a ocorra de forma inconsciente.

O sujeito C-3 narra que ouvia contos de fadas quase todos os dias: “*e bem antes ouvia quase todos os dias três, quatro ou cinco livros de contos de fadas da minha mãe, eram bem pequenos os livrinhos que ouvia*” (C-3). Com essa lembrança, podemos imaginar que as histórias que este sujeito ouvia eram daqueles livros de bolso, pequenos e compactos, mas podemos notar o empenho do ambiente familiar em proporcionar momentos com histórias para este sujeito. Algum adulto, possivelmente a mãe, os contava. Histórias ou livros, talvez repetidos, mas eram contadas. Provavelmente eram contos de fadas clássicos que ela ouvia saborosamente dia após dia, visto que ela afirma que os livros eram bem pequeninos.

As histórias, em específico os contos de fadas de acordo com Bettelheim (1980), causam desenvolvimento psíquico nas crianças em que a partir deles, as crianças podem desenvolver, resolver dificuldades humanas básicas, como situações de perda ou morte.

Quanto mais histórias a criança ouvir nos primeiros anos de vida, mais facilidades ela terá com a escrita e a própria leitura nos anos escolares. Cagliari (2008, p. 176) faz uma observação muito interessante sobre esse aspecto, onde explica a importância do contato da criança com livros, revistas e materiais que o levem à leitura.

O sujeito C-4 apresenta uma memória bem diferente do sujeito C-3, pelo menos no que podemos observar. Ele relata que “*... eu ouvia histórias, eu fui desacostumando, ou seja, eu fui crescendo e fui perdendo a vontade*” (C-4), e esse relato causa surpresa, na verdade, uma triste surpresa, pois em nenhum momento os outros sujeitos demonstraram a perda de vontade de ouvir histórias.

Este sujeito não deixa claro se ouvia quando era mais jovem, nem se eram histórias lidas, ou contadas do cotidiano, mas ela faz a relação de que foi crescendo e

desacostumando, perdendo a vontade, como se o fato de crescer estivesse intimamente ligado ao fato de querer ouvir histórias.

Não há uma forma precisa de descobrir exatamente o que houve para que o sujeito fosse perdendo a vontade. Pode ter sido pela falta de estímulos por parte de seus pais, pode ter sido por imposição dos mesmos, na negativa deles em contar histórias, em compartilhar esses momentos. Mas de qualquer maneira, foi uma declaração de ouvir e ler histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONTOS DE FADAS OU REALIDADE? REFLEXÕES SOBRE AS ANÁLISES

Através das narrativas infantis obtivemos algumas conclusões. Dentre os critérios analisados, sobre o período e que as histórias eram lidas ou contadas em sala de aula, percebemos que esse momento era esperado. Os sujeitos relataram gostar muito, que lhes causava satisfação em ter, e houve até o sujeito que lamentou não ser mais tão frequente.

Sobre o aspecto metodológico utilizado pelas professoras, não percebemos se havia um preparo para o momento. Os sujeitos citaram o uso de fantoches, outros mostravam as gravuras, mas o uso desses recursos metodológicos não necessariamente caracteriza um preparo anterior; há ainda aqueles sujeitos que narraram o gosto em ouvir histórias contadas por seus familiares. Não importava como as histórias aconteciam, se era lidas ou contadas. Mas pudemos perceber que elas eram queridas, desejadas. Aqueles momentos eram mágicos, foram narrados como bons e que, segundo um sujeito, deixou saudade, visto que eram ouvidas mais histórias nas séries iniciais.

No eixo de análise Periodicidade, tivemos a oportunidade de perceber a importância dada ou não à contação e leitura de histórias quando o sujeito relata que já não ouve mais tanto quanto ouvia. Percebemos que as histórias são importantes, mas de acordo com as narrativas, elas não continuam nas séries maiores. Não conseguimos precisar o

motivo da interrupção, se pelo conteúdo a ser seguido é extenso, se é por falta de tempo dos professores, ou até mesmo por falta dos recursos a serem utilizados.

Em nossas análises notamos também que as crianças desenvolvem seus gostos por histórias e autores à medida que se identificam com eles. São sujeitos ativos, participativos com capacidade de fazer suas escolhas em livros e autores, mas não podemos afirmar se continuarão indivíduos leitores, se desenvolverão mais esse gosto pela leitura.

Dos quatro sujeitos escolhidos para esta análise, apenas três descreveram o gosto pela leitura de histórias infantis. Destes três, dois afirmam que gostam e até preferem ler, enquanto outro afirma que gosta de ler, mas prefere ouvir as histórias, pois há a possibilidade de o leitor explicar alguma parte que não tenha sido compreendida pelo ouvinte.

Por todas as análises deste trabalho, conseguimos então perceber que as histórias ouvidas durante a infância contribuíram para a iniciação ao gosto pela leitura, pelas histórias. Estas conclusões nos fazem refletir sobre nossos trabalhos como educadores, sobre a importância que temos na vida de nossos alunos, e principalmente como nossas histórias e momentos podem ficar registrados para sempre na vida e nas narrativas de nossas crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BASSOLS, Pedro Inácio. **Clássicos da Literatura Infantil revisitados em Shreck 2**. Releitura de personagens. 2010. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Letras – Licenciatura, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2010.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BITENCOURT, Ricardo Barbosa. **As novas tecnologias e a contação de histórias em sala de aula**. Publicado em 23/01/2009. Disponível no site:

http://www.academia.edu/477838/AS_NOVAS_TECNOLOGIAS_EA_CONTACAO_DE_HISTORIAS_EM_SALA_DE_AULA. Acesso em 16/11/2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 2008.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil teoria e prática**. 18ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

FERARROTI, F. Sobre a Autonomia do Método Biográfico. In.: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O Método (Auto)Biográfico e a Formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. P. 31-57.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos**. São Paulo: Global, 1986.

_____. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LOBATO, Monteiro. **Peter Pan**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2011.

NÓVOA, Antônio e FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico e a formação**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.